



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Registro: 2025.0000385843

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos estes autos de Apelação Cível nº 1013353-05.2024.8.26.0114, da Comarca de Campinas, em que é apelante ITAÚ SEGUROS DE AUTO E RESIDÊNCIA S.A., é apelado COMPANHIA PAULISTA DE FORÇA E LUZ.

ACORDAM, em sessão permanente e virtual da 26ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferir a seguinte decisão: Negaram provimento ao recurso. V. U., de conformidade com o voto do relator, que integra este acórdão.

O julgamento teve a participação dos Desembargadores CARLOS DIAS MOTTA (Presidente), MARIA DE LOURDES LOPEZ GIL E MORAIS PUCCI.

São Paulo, 22 de abril de 2025.

CARLOS DIAS MOTTA

Relator

Assinatura Eletrônica

Apelação Cível nº 1013353-05.2024.8.26.0114

26ª Câmara de Direito Privado

Apelante: Itaú Seguros de Auto e Residência S.a.

Apelado: Companhia Paulista de Força e Luz

Comarca: Campinas

Juiz: Guilherme Fernandes Cruz Humberto

Voto nº 32964

ENERGIA ELÉTRICA. Ação regressiva de seguradora contra a distribuidora de energia elétrica, por danos elétricos causados a segurado e indenizados por ela. Sentença de improcedência. Apelo da autora. Ré que teve seu direito de produzir provas suprimido pela inexistência de guarda, por parte da autora, dos aparelhos danificados. Autora que não notificou a ré previamente ao pagamento da indenização para que pudesse verificar os equipamentos, também administrativamente. Embora aplicável o CDC por sub-rogação (art. 786 do Código Civil), é inviável, no caso concreto, a inversão do ônus da prova, pela impossibilidade de a ré produzi-la (distribuição dinâmica do ônus probatório). Autora que não provou o fato constitutivo de seu direito, ou seja, a falha na prestação do serviço. Laudos genéricos e superficiais, que não comprovam a origem dos danos. Pedido regressivo improcedente. Sentença mantida. Apelo desprovido.

Vistos.

Trata-se de apelação interposta em razão da r. sentença de fls. 312/313, que julgou improcedente a ação regressiva movida por Itaú Seguros de Auto e Residência S.A. em face de Companhia Paulista de Força e Luz, na qual pretende a condenação da ré ao pagamento de R\$ 8.544,40. Impôs à autora os encargos de sucumbência, arbitrando os honorários de advogado em 10% do valor da causa.

Irresignada, apela a autora (fls. 316/330), sustentando, em síntese, que: comprovou o nexo de causalidade; a reclamação administrativa é desnecessária; não era necessária a preservação dos bens e a realização de perícia; aplica-se ao caso o Código de Defesa do Consumidor, com a inversão do ônus da prova; a responsabilidade da ré é objetiva; sub-rogou-se nos direitos do segurado. Pugna pela procedência da demanda.

Intimada, a apelada apresentou contrarrazões (fls. 336/353).

O recurso é tempestivo e a apelante recolheu o preparo (fls. 331/332).

É o relatório.

Decido.

Razão não assiste à autora.

Com efeito, da análise dos autos, vê-se que a ré não foi notificada administrativamente para o reparo ou verificação dos itens danificados.

O requerimento administrativo certamente não constitui uma condição da ação, porque entender de tal modo seria restringir direito constitucional da autora. Ademais, o fato de a ré ter deduzido defesa de mérito faz com que a pretensão da autora seja resistida, o que preenche o interesse processual.

No entanto, embora não seja requisito para o ajuizamento da ação, a ausência desta providência, em feitos como o presente, gera efeitos práticos que impossibilitam o direito de defesa da ré, o que não se pode admitir.

Neste contexto, era preciso que a autora notificasse a ré, não por mera formalidade, mas para que ela pudesse verificar os itens, os danos ocorridos e vistoriar suas possíveis causas.

Assim, não pode a autora, sem comunicar a ré, indenizar seu segurado e, ao mesmo tempo, não manter sequer a guarda dos aparelhos danificados, impedindo-a de exercer seu direito de defesa e produzir contraprova.

Ora, não deve recair sobre a ré o ônus da prova que se tornou impossível de produzir por conduta da autora. Assim, se a autora não manteve a guarda dos bens, tal fato não pode prejudicar a ré.

A distribuição dinâmica do ônus da prova impõe ao julgador a

observância da capacidade de produção da prova por cada uma das partes, para que o dever de produzir a prova não recaia sobre aquele que não tem condições de fazê-lo.

Assim, embora aplique-se ao caso concreto o CDC, por sub-rogação da autora nos direitos do segurado, consumidor (art. 786 do Código Civil), não é possível, no caso concreto, inverter o ônus probatório.

Isto não apenas porque a autora deixou de notificar a ré, mas também porque, ao seu alvedrio, não manteve a guarda dos produtos sobre os quais a produção de eventual prova incidiria, impossibilitando a defesa da ré.

Ora, como falar em inversão do ônus da prova se à ré sequer foi facultado o direito de requerer perícia judicial direta ou analisar os equipamentos?

Assim, ante a ausência de provas de que a ré causou os danos nos aparelhos elétricos dos segurados, pela sua ausência e de prova produzida em juízo, sob o crivo do contraditório, não deve a ré indenizá-la.

Vale ressaltar que os laudos juntados pela autora com a finalidade de comprovar a falha na prestação de serviços da ré (fls. 51/53, 62, 72/74, 82 e 91/93) não são capazes de comprovar o nexo de causalidade. Isto porque tais documentos são genéricos e atécnicos.

Com efeito, de forma simplista, os documentos afirmam que os danos decorrem de, por exemplo, “oscilação de energia elétrica”. Trata-se de meras ilações, sem conclusão sobre os danos causados e sem qualquer indicação de métodos utilizados nas avaliações.

Dessa forma, não há prova segura, produzida pela autora, da existência de nexo de causalidade entre os danos e falha na prestação de serviços da ré.

Neste sentido, não está a ré obrigada a indenizar por danos que não são comprovadamente decorrentes da sua falha na prestação de serviço, sob

pena de desvirtuamento do instituto da responsabilidade civil.

Destarte, deve ser mantida a r. sentença.

Ante o resultado da demanda, correta a imposição dos encargos de sucumbência à autora.

Pelo desprovimento do recurso, majoro os honorários de sucumbência devidos pelo apelante de 10% para 12% do valor da causa (R\$ 8.544,40) atualizado.

Por fim, considera-se prequestionada toda a matéria constitucional e infraconstitucional ventilada nos autos, evitando-se, com isso, a oposição de embargos de declaração para este fim.

Ante o exposto, **nego provimento** ao apelo.

CARLOS DIAS MOTTA
Relator